

Dança como meio de manifestação política

Ramon de Oliveira Granado (UFPEL)
Andrisa Kemel Zanella (UFPEL)

Resumo: Este estudo teve como impulsionador temático as manifestações políticas ocorridas no ano de 2016 no âmbito da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Nosso objetivo foi trazer reflexões, através de experiências, pessoais e de outros artistas, de possíveis formas de manifestação artística de Dança.

Palavras-chave: dança; política; arte.

Introdução

Em meio à crise política em que se encontrava (se encontra) o país (Brasil), mais específico no ano de 2016, iniciou-se na Universidade Federal de Pelotas séries de ocupações[1], realizadas por alunos, em prédios da Instituição. Dentro deste quadro de prédios ocupados encontrava-se o Centro de Artes, local onde realizo 90% das disciplinas curriculares obrigatórias do curso de Dança-Licenciatura. O movimento neste, foi denominado “Ocupa CeArte” e contava com alunos dos cursos de Música, Cinema, Teatro, Artes Visuais, Design Digital, Dança dentre outros.

Mesmo sem pautas de reivindicações estruturadas, inicialmente, eles conquistaram o cancelamento temporário das aulas, que segundo palavras dos integrantes “se não parar com as aulas, isso será uma hospedagem e não ocupação”. Neste meio tempo, organizaram atividades culturais e com apoio de alguns professores conseguiram a abertura ao público de algumas disciplinas.

Segundo Almada em sua dissertação de mestrado que trata do tema de Resistência, Ocupação e Criminalização:

> A incapacidade de abertura de negociação por parte das Reitorias e dos governantes com o movimento possibilita uma atitude não esperada, não inscrita através das organizações tradicionais do movimento estudantil e que, por seu carácter não institucionalizado, apanha a todos de surpresa, numa atitude drástica, mas não violenta – atitude que enuncia a respiração dos estudantes mediante a apatia estabelecida (ALMADA, 2009, p. 93).

[1] Ato de apoderar-se de algo ou de invadir uma propriedade.

Com isso, podemos através desse trecho, compreender e refletir, sutilmente, os dois lados da moeda, do porquê se dá uma ocupação e ainda podemos analisar se o movimento realmente condiz com um ato democrático, organizado e não violento.

A Dança para a Manifestação Política

Com toda essa informação de acontecimentos políticos acontecendo e conectado às reflexões da disciplina de História e Teoria da Dança III, ministrada no curso de Dança UFPEL, e que trata do período pós-moderno, estudamos que:

> Das transformações ocorridas nesse período na dança e no teatro, a intenção de negar e derrubar os paradigmas da modernidade surge, entre outros fatores, com a experiência de rompimento entre o artificial e o real, entre espaço do palco e da plateia, entre o criador e o intérprete, entre o processo e a obra, entre o cotidiano e a cena (MUNIZ, 2011, p. 64).

Surgiu daí o questionamento: será que criações artísticas (coreografias, encenações, músicas etc) como forma de protesto não chamariam mais atenção da comunidade e entorno para juntos reivindicar as possíveis pautas levantadas no "Ocupa CeArte", já que boa parte dos envolvidos serão futuros arte/educadores?

Pesquisando sobre artistas que através da dança manifestaram suas angustias e pensamentos contrários a momentos políticos no Brasil, através de criações artísticas, encontramos informações sobre Lia Robatto[2] e o Grupo Experimental de Dança[3] que realizou seu posicionamento no período da ditadura.

> A intimidação do regime contra as artes provocou em Lia Robatto um estímulo para se buscar vias alternativas de expressão. "*De que forma driblara ditadura, os interditos da ditadura [...]?*" A partir de então, necessariamente, o olhar sobre o fazer artístico ganhava nova conotação, o

[2] Lia Carvalho Robatto nasceu em São Paulo e iniciou seus estudos de dança por meio do balé clássico. Tais ensinamentos foram promovidos pela Escola Municipal de Balé e pela Academia de Ballet Alina Biernaka nos anos de 1949 a 1951. Em 1952, conheceu Yanka Rudzka, frequentando seus cursos de dança expressiva na Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM) e no Museu de Arte de São Paulo até 1956. (ARAÚJO, 2012, p.110)

[3] O Grupo Experimental de Dança (GED) foi criado e se desenvolveu, não a partir de um projeto prévio, mas pela escuta sensível de cada inquietação temática, estética ou política de Lia Robatto e tantos colaboradores e parceiros. Numa lógica de existência curiosamente espontânea e militante, a dança do GED fez arte, política e história. (ARAÚJO, 2012, p. 129)

> sentido de questionar e subverter estava articulado diretamente à necessidade de expressar-se livremente. O posicionamento político questionador passou a existir, porém estritamente ligado ao próprio fazer artístico. A contestação não passava pelo viés do ato político panfletário ou partidário, mas pela necessidade de apresentar novas proposições estéticas para suas criações (ARAÚJO, 2012, p. 114).

Ainda segundo Araújo em entrevista realizada com Lia Robatto ela diz que em sua criação artística não seria falado sobre ditadura: "Eu falava contra posturas reacionárias, sobre rigidez, sobre padrões estabelecidos, sobre preconceitos. Enfim, sobre o conservadorismo que atrasa, que amarra, sobre a limitação da liberdade" (2012, p. 115).

Em suas criações/experimentações ela e seu grupo tinham a intenção de impactar o ambiente cultural em que viviam, levando consigo alguns traços da Dança Pós-Moderna:

> É possível perceber na estrutura do trabalho do GED princípios básicos do movimento hippie e da resistência política estudantil: o estabelecimento da coletividade como pilar da criação; a alteridade; e o espaço democrático refletido na ausência de hierarquia autoritária (ARAÚJO, 2012, p. 142).

Em entrevista dada para a WebTV UFBA (Universidade Federal da Bahia)[4] Lia relata sobre o *Espetáculo Mobil(iz)ação* de 1978 realizado no Teatro Castro Alves, onde as cenas ocorriam nos corredores, camarins, salas e na plateia, contando com um elenco de 80 artistas (bailarinos, atores e músicos). Todo canto tinha um cenário que representava a pressão que o artista sofria por ser censurado e a falta de liberdade de expressão causados pela ditadura, utilizavam arames farpados, placas impedindo a passagem etc. Neste período:

> O recurso mais eficiente para uma convivência tranquila com o sistema era a ambiguidade e a subjetividade da dança. A ausência de perspicácia na interpretação intelectual das mostras coreográficas pelos censores delineava um espaço ímpar de expressividade entre a dança produzida por Lia Robatto e a sociedade, proporcionando espaços instantâneos de encontro, diálogo e fruição estética (ARAÚJO, 2012, p. 120).

[4] Link da entrevista de Lia Robatto para o canal da TV Universitária da UFBA no You Tube: <https://www.youtube.com/watch?v=X9c2ehnPWU0>

A dança, então, encontra sua maneira de não se calar mesmo em meios drásticos como o de uma ditadura, de forma artística, reflexiva e organizada. Sendo assim, podemos observar que existem artistas que conseguem articular outros meios para expor suas reivindicações sem adentrar o espaço, pensamento e ideologia do outro.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Dança da UFPel

No ano de 2015, mesmo não tendo conhecimento ainda sobre tais leituras, participamos/organizamos uma manifestação artística na luta pela manutenção do PIBID, denominado #somostodospibid e #ficapibid, que se encaixou nesses padrões o qual falamos aqui.

Neste evento, iniciamos a mobilização com uma performance cênica, onde apresentamos um texto que escrevemos, visando chamar atenção para situação atual, apontando o questionamento de: “Cadê a Pátria Educadora?”[5]

> *Não quero perder essa indignação: Eu sou professor! A sala de aula é meu lugar político e é lá que eu vou conscientizar sobre essa barbárie. Mais educação! Mais diálogo, Mais dança. Não a escolarização, sim a educação reflexiva! Por mais arte nas Escolas. Por uma educação melhor! Pibid na Escola! Lutamos pelo seu direito a educação. Cadê a Pátria Educadora? A união faz a força! Pibid não é qualquer coisa! (texto falado)*

Para tal, criamos e ensaiamos a apresentação (Fig. 1) anteriormente, utilizamos objeto cênico (elástico) para enfatizar corporalmente nossa união e inquietação naquele momento, o que resultou em um trabalho artístico impactante, reflexivo e educativo.

[5] Referência a logomarca do Governo Federal naquele período.

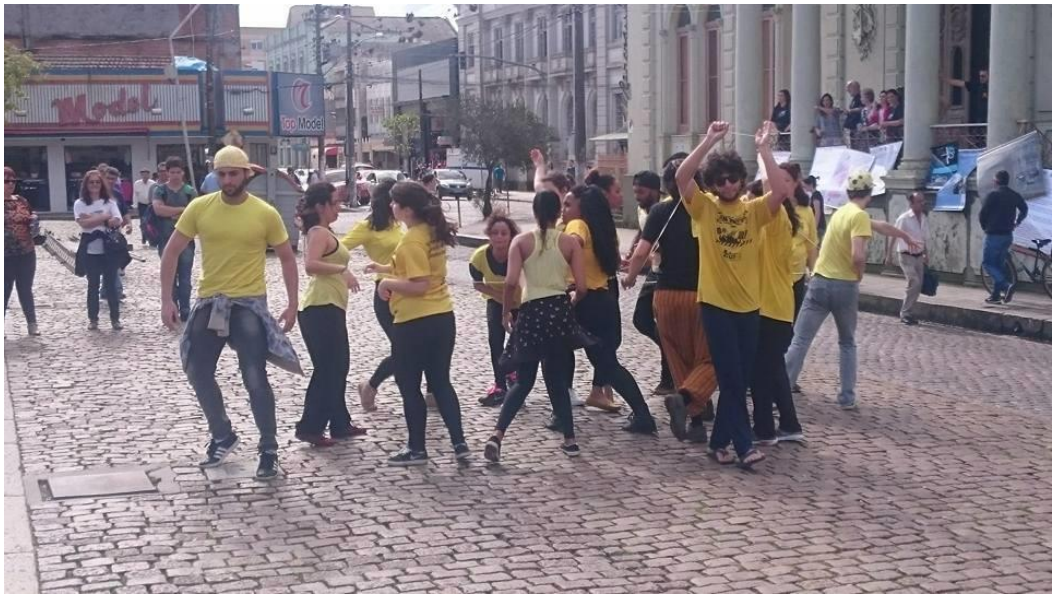


Figura 1- Foto da apresentação realizada pelo Pibid Dança UFPEL no centro da cidade de Pelotas.

Considerações finais

Realmente é difícil compreender o espaço do outro, principalmente quando nos remetemos as visões políticas. Mas assim como Lia Robatto e o PIBID Dança da UFPel acreditamos que o artista tem que usar o que ele faz de melhor para se expressar, seja o momento que for. A arte da Dança, como todas as outras, pelo que observamos na leitura, tem o poder de impactar. E porque não dizer também, influenciar aquele que frui?

O corpo é a maior arma[6] articuladora e influenciadora, de um artista da dança. Devemos usá-lo, então, de forma respeitosa para si e para o outro, buscando a criatividade como ponto de partida.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Pablo Emanuel Romero. *Resistência, Ocupação e Criminalização*: O Movimento Estudantil nas Greves das Universidades Paulistas em 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

[6] Definição: *fig.* qualquer argumento que se use, ou que estrategicamente se guarde, para tentar vencer ou defender-se numa discussão, debate etc.

ARAÚJO, Lauana Vilaronga Cunha de. Lia Robatto e o Grupo Experimental de *Dança:* estratégias poéticas em tempos de ditadura. Salvador: EDUFBA, 2012. 218 p.

MUNIZ, Zilá. Rupturas e procedimentos da dança pós-moderna. *Revista "O Teatro Transcende"*– CCE da FURB –Blumenau, v. 16, n. 2, p. 63-80, 2011.